



AVALIAÇÃO PELO ALGORITMO DAVID LIBERMAN (ADL) DE MOTIVAÇÕES, TENSÕES E PEDIDOS DE MUDANÇA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

AN EVALUATION USING THE DAVID LIBERMAN ALGORITHM (ADL) OF MOTIVATIONS, TENSIONS, AND REQUESTS FOR CHANGE IN VOCATIONAL EDUCATION

Rodrigo Ourives da Silva¹

Resumo: Aplicamos o Algoritmo David Liberman (ADL) à análise de 4.357 respostas abertas de alunos de educação profissional, segmentadas em atos de fala e codificadas por Desejos (LI, O1, O2, A1, A2, FU, FG) e Defesas (queixa, pedido, justificativa, negação, enfrentamento). Três questões orientaram o corpus: por que vale a pena seguir, quando quase desistiu e que mudança pedir para permanecer. O procedimento combinou triagem lexical (dicionário ADL) e leitura por cena com dupla codificação amostral, sintetizando distribuições de frequências. Os resultados mostram a permanência ancorada sobretudo em O1 (aprendizado com utilidade) e LI (viabilidade prática), com O2 (acolhimento) como terceiro vetor. A quase evasão concentra-se no avesso de O1 (dificuldade/baixa relevância) e em LI/O2 (sobrecarga, falta de apoio). Nos pedidos de mudança, predominam O1 (mais prática/qualidade), LI/A2 (condições e organização) e O2 (clima de apoio), com forte presença do ato de fala pedido (resposta propositiva). Concluímos que intervenções efetivas integram didática orientada ao uso, organização previsível e apoios materiais, acompanhadas de acolhimento e tutoria em pontos de inflexão. O estudo evidencia a utilidade do ADL para articular leitura qualitativa por cena e síntese quantitativa em amostras amplas, produzindo indicadores replicáveis para gestão da permanência.

Palavras-chave: Algoritmo David Liberman (ADL); educação profissional; evasão; permanência; análise do discurso.

Abstract: We applied the David Liberman Algorithm (ADL) to 4,357 open-ended responses from vocational education students, segmented into speech acts and coded by Desires (LI, O1, O2, A1, A2, FU, FG) and Defenses (complaint, request, justification, denial, coping). The corpus addressed three prompts: why it is worth continuing, when students almost dropped out, and what change they would request to remain. The procedure combined ADL lexical screening with scene-based reading and double coding on a stratified sample, summarizing frequency distributions. Findings indicate persistence is driven mainly by O1 (learning with practical value) and LI (feasibility/conditions), with O2 (bonding/affective support) as a third vector. Near-dropout clusters around the reverse of O1 (difficulty/low perceived relevance) and LI/O2

¹ Doutorando em Psicologia. Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales (UCES), Ciudad Autónoma de Buenos Aires. <https://orcid.org/0009-0004-8808-9173>

(overload, lack of support). Change requests prioritize O1 (more practice/quality), LI/A2(conditions and organization), and O2 (supportive climate), with a strong presence of request acts (propositional stance). We conclude that effective interventions integrate use-oriented teaching, predictable organization, and material supports, alongside care and tutoring at inflection points. The study demonstrates ADL's value for linking scene-level qualitative reading and quantitative synthesis in large samples, yielding replicable indicators for retention management.

Keywords: David Liberman Algorithm (ADL); vocational education; dropout; persistence; discourse analysis.

1 INTRODUÇÃO

O enfrentamento da evasão e da desmotivação em cursos técnicos exige instrumentos analíticos que não se limitem a medir “opiniões”, mas que capturem como os estudantes significam suas experiências. Nesse sentido, adotamos o Algoritmo David Liberman (ADL), método que infere Desejos (LI, O1, O2, A1, A2, FU, FG) e Defesas a partir de níveis verbais e não verbais (relatos, atos de fala, fonologia, gestualidade, imagens), permitindo mapear tensões e recursos de enfrentamento ativados pelos alunos em situações de permanência e quase evasão (MALDAVSKY, 2016). Ao integrar níveis distintos de expressão, o ADL oferece uma lente psicossocial que tem sido aplicada tanto em clínica quanto em contextos coletivos, preservando o foco em cenas de conflito e em estados das defesas (exitoso, fracasso, misto), ponto crucial quando se pretende compreender decisões de seguir ou abandonar um curso (MALDAVSKY, 2016; 2009).

No plano metodológico, o ADL consolidou testes de validade que interessam diretamente à pesquisa educacional aplicada: evidências de validade convergente (comparando o método a outros paradigmas e também estratégias qualitativas versus estatísticas dentro do próprio ADL), validade de construto (definição e operacionalização de desejos/defesas) e validade externa (articulação entre estudos de caso e amostras ampliadas) - o que sustenta seu uso como ferramenta sistemática em análises de discurso de estudantes (MALDAVSKY, 2009). Além de sintetizar os instrumentos, a literatura recente detalha combinações entre eles (por exemplo, palavras + atos de fala + componentes paraverbais) e critérios de decisão sobre o que é dominante na cena, algo decisivo para qualificar achados sobre motivação, acolhimento e sobrecarga (MALDAVSKY, 2016).

Há, também, uma tradição de estudos que aproximam o ADL de práticas discursivas concretas, como análise de atos de fala e de argumentação em contextos institucionais e midiáticos, o que amplia a transferibilidade do método para ambientes educacionais nos quais o aluno negocia sentidos, defende posições e formula pedidos (MALDAVSKY, 2016). Essa vocação “ecológica” do ADL - olhar para a fala situada e para as cenas que os sujeitos relatam e desenrolam ao falar - é especialmente adequada para compreender por que os estudantes dizem que “vale a pena seguir”, “quase desistiram” ou “o que precisa mudar” para permanecer.

Ao mesmo tempo, a investigação dialoga com a literatura de avaliação linguística automatizada, que vem mostrando ganhos quando se consideram múltiplos níveis (fonético-fonológico, lexical, sintático, discursivo) para explicar desempenho e proficiência. Estudos recentes indicam que um pequeno conjunto de métricas multiescalares (ex.: taxa de fala, densidade lexical, hesitações, falsos começos, comprimento médio dos enunciados) prediz com boa acurácia julgamentos humanos de

Revista Gepesvida

proficiência oral, reforçando a importância de indicadores que capturam fluidez e elaboração discursiva (DE FINO et al., 2022). Em paralelo, há avanços na pontuação automatizada de aspectos interacionais do diálogo (engajamento, tomada de turno, reparo, adequação pragmática) com desempenho próximo ao acordo entre avaliadores, a partir de traços textuais interpretáveis e arquiteturas com memória para histórico de turnos (RAMANARAYANAN; MULHOLLAND; QIAN, 2019). Embora esses trabalhos não utilizem o ADL, eles convergem com sua ênfase em níveis diferentes do dizer e inspiram indicadores complementares para estudos educacionais.

Com base nesse arcabouço, aplicou-se o ADL à amostra ampliada de estudantes, focalizando três perguntas práticas - por que vale a pena continuar; por que quase desistiram; o que pediram de mudança - e codificando cada ato de fala segundo Desejos predominantes e Defesas acionadas. Essa abordagem permite, por um lado, quantificar padrões (frequências relativas por categoria) e, por outro, qualificar o sentido das tensões (ex.: quando O1 aparece como entusiasmo por aprendizado útil versus como frustração por falta de utilidade), produzindo insumos acionáveis para desenho pedagógico e gestão acadêmica (MALDAVSKY, 2016; 2009). Em suma, o presente estudo busca integrar a robustez conceitual e empírica do ADL com a sensibilidade a contextos educacionais, articulando achados qualitativos e sínteses quantitativas que dialogam com a literatura de avaliação do discurso e de desempenho oral (DE FINO et al., 2022; RAMANARAYANAN; MULHOLLAND; QIAN, 2019).

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo de estudo e abordagem

Estudo quali - quantitativo de análise do discurso com o Algoritmo David Liberman (ADL), integrando leitura clínica de atos de fala e síntese por distribuições de frequências de Desejos (LI, O1, O2, A1, A2, FU, FG) e Defesas. O desenho segue as orientações do ADL sobre unidade de análise, instrumentos e regras de decisão de dominância (MALDAVSKY; SCILLETTA; PÉREZ ZAMBÓN; ARGIBAY, 2011; STEIN-SPARVIERI; MALDAVSKY, 2017; MALDAVSKY et al., 2012; PLUT, 2010).

2.2 Contexto e participantes

Foram analisadas 4.357 respostas abertas de estudantes de educação profissional técnica. O formulário coletou três questões:

- (1) “vale a pena seguir” (motivações de permanência);
- (2) “pensei em desistir” (tensões de quase evasão);
- (3) “pedido de mudança” (soluções propostas).

Variáveis auxiliares: cidade e gênero (autodeclarado). Respostas foram anonimizadas previamente.

2.3 Aspectos éticos

Base não identificável; supressão de nomes/detalhes sensíveis nas citações. Resultados reportados em agregado. Procedimentos em conformidade com boas práticas de pesquisa educacional.

2.4 Corpus e instrumentos do ADL

- Corpus textual: respostas íntegras às três questões.
- Instrumentos (nível verbal): (a) instruções e unidade de análise para atos de fala; (b) grelhas de desejos e defesas; (c) regras de dominância do desejo e decisão por cena; (d) tabelas de frequência/percentis (MALDAVSKY; SCILLETTA; PÉREZ ZAMBÓN; ARGIBAY, 2011; MALDAVSKY et al., 2012; STEIN-SPARVIERI; MALDAVSKY, 2017).
- Dicionário ADL (nível palavras): empregado como triagem lexical assistida; adaptação terminológica ao português com sinônimos mapeados por categoria de desejo (PLUT, 2010; STEIN-SPARVIERI; MALDAVSKY, 2017).

2.5 Critérios de inclusão e exclusão

- Inclusão: respostas com ≥ 3 caracteres e sentido mínimo.
- Exclusão: respostas vazias ou apenas marcadores (“—”, “.”).
- Observação: negações absolutas (“nunca”, “nenhuma”) foram mantidas por informarem Defesas (negação).

2.6 Unidade de análise e segmentação

A unidade de análise foi o ato de fala (enunciado minimamente autônomo por valor pragmático). Em ocorrências com múltiplos desejos, a dominância foi decidida pelo propósito do ato e pela cena evocada, conforme regras do ADL (MALDAVSKY; SCILLETTA; PÉREZ ZAMBÓN; ARGIBAY, 2011).

2.7 Procedimentos de codificação (fluxo replicável)

Etapa A - Pré-processamento

(a) normalização (lowercase), preservando acentos; (b) limpeza de ruído; (c) marcação de negações e indicadores pragmáticos.

Etapa B - Triagem lexical assistida (apoio computacional)

Varredura por dicionário ADL (palavras sensíveis a cada desejo) + sinônimos em português para gerar hipóteses de desejo/defesa por ato (PLUT, 2010; STEIN-

SPARVIERI; MALDAVSKY, 2017).

Etapas C - Leitura ADL por avaliadores

Duas avaliadoras/es treinados em ADL revisaram amostra estratificada (~15%) por pergunta e gênero, classificando Desejos e Defesas; divergências resolvidas por consenso, com ajuste do léxico e reaplicação ao corpus completo (MALDAVSKY; SCILLETTA; PÉREZ ZAMBÓN; ARGIBAY, 2011).

Etapas D - Estados das Defesas (quando aplicável)

Em respostas com contexto suficiente, categorizou-se o estado (exitoso, fracassado, misto); nas muito breves, registrou-se apenas o tipo (MALDAVSKY; SCILLETTA; PÉREZ ZAMBÓN; ARGIBAY, 2011; STEIN-SPARVIERI; MALDAVSKY, 2017).

2.8 Confiabilidade interavaliadores

Na amostra dupla-cega, calculou-se Kappa de Cohen (Desejos e Defesas), com intervalos de confiança e taxa de consenso. O critério de aceitabilidade segue recomendações empregadas em estudos sobre unidade de análise e instrumentos do ADL (MALDAVSKY; SCILLETTA; PÉREZ ZAMBÓN; ARGIBAY, 2011; STEIN-SPARVIERI; MALDAVSKY, 2017).

2.9 Plano analítico e métricas

- Frequências relativas de Desejos e Defesas por pergunta e por subgrupos (exploratório).
- Distribuições percentilares para sinalizar ênfases/inibições (ex.: >P85 / <P15), conforme guias de distribuições de frequências no ADL (MALDAVSKY et al., 2012).
- Exemplos ilustrativos (trechos anônimos, até ~30 palavras) por categoria para contextualização (STEIN-SPARVIERI, 2014).
- Triangulação entre níveis: cotejo entre achados dos atos de fala e pistas lexicais, discutindo convergências/divergências (PLUT, 2010; MALDAVSKY et al., 2012).

2.10 Softwares e reprodutibilidade

Processamento textual e tabelas em Python. Planilhas de auditoria para dupla codificação.

2.11 Rigor metodológico: justificativas e limites

(a) Por que combinar atos de fala + dicionário

A leitura por atos de fala preserva a cena e o propósito do enunciado (dominância do desejo/defesa no nível pragmático), enquanto o dicionário ADL oferece escala para varrer grandes corpora e produzir distribuições de frequências comparáveis (PLUT, 2010; MALDAVSKY et al., 2012). Essa combinação mantém o caráter multimodal e multiescalar do método (STEIN-SPARVIERI; MALDAVSKY, 2017; MALDAVSKY, 2016).

(b) Unidade de análise e decisão de dominância

Segmento-se por ato de fala (enunciado minimamente autônomo). Em casos com múltiplos desejos, decidimos a dominância pelo efeito de sentido da cena e pela função do ato (pedido, queixa, justificativa etc.), conforme instruções do ADL para fecho de unidade (MALDAVSKY et al., 2011).

(c) Confiabilidade: dupla codificação e Kappa

Realizou-se dupla codificação em amostra estratificada e resolvemos divergências por consenso; estimamos Kappa(Desejos e Defesas) e relatamos IC e taxa de acordo. Esse protocolo é consistente com os guias do ADL sobre unidade de análise/instrumentos (MALDAVSKY et al., 2011; STEIN-SPARVIERI; MALDAVSKY, 2017).

(d) Validade: triangulação entre níveis e percentis

Triangular nível palavras (dicionário) e nível atos (cena) e sintetizamos por percentis (e.g., >P85 = ênfase/hipertrofia; <P15 = inibição), prática indicada para leituras quantitativas do ADL (MALDAVSKY et al., 2012). A síntese/atualização de instrumentos (MALDAVSKY, 2016) respalda o acoplamento entre níveis e a leitura por cena.

(e) Respostas curtas e ambiguidade

Respostas muito breves (p.ex., “nunca”) informam Defesas (negação), mas limitam a classificação do estado(exitoso/fracassado/misto). Nesses casos, reportamos apenas o tipo de defesa e compensamos com exemplos qualitativos curtos e percentis por categoria (MALDAVSKY et al., 2012; MALDAVSKY et al., 2011).

(f) Sensibilidades do dicionário e controles

Há viés lexical potencial (variação regional/geracional). Mitigamos por: (i) adaptação terminológica ao português, (ii) calibração via dupla codificação, (iii) reaplicação do léxico ajustado e (iv) checagem amostral por estrato. Mantemos um rastro de auditoria (planilhas de decisão) para replicação (STEIN-SPARVIERI; MALDAVSKY, 2017; MALDAVSKY, 2016).

(g) Limitações e escopo de inferência

(i) Brevidade e heterogeneidade do texto podem reduzir a sensibilidade para estados das defesas; (ii) ato isolado captura o aqui-e-agora da cena, não necessariamente o percurso longitudinal; (iii) a triagem lexical não substitui leitura por cena — por isso o desenho quali-quantitativo (MALDAVSKY et al., 2012; MALDAVSKY et al., 2011; MALDAVSKY, 2009).

(h) Reprodutibilidade

Para replicar: (1) aplicar critérios de inclusão (≥ 3 caracteres); (2) segmentar por ato de fala; (3) rodar o dicionário ADL adaptado ao português; (4) dupla codificação de amostra estratificada; (5) calcular Kappa; (6) ajustar léxico e reaplicar; (7) sintetizar por frequências/percentis; (8) selecionar exemplos por categoria; (9) manter logs de decisão. Esse fluxo segue o núcleo instrumental do ADL (PLUT, 2010; MALDAVSKY et al., 2011; MALDAVSKY et al., 2012; STEIN-SPARVIERI; MALDAVSKY, 2017; MALDAVSKY, 2016).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Caracterização do corpus e notas de leitura

Foram analisadas 4.357 respostas abertas (três perguntas). Após limpeza mínima (≥ 3 caracteres), obtivemos: P4 - “vale a pena seguir” ($n = 4.323$), P5 - “quase desistiu” ($n = 4.320$) e P6 - “pedido de mudança” ($n = 4.305$). Para as distribuições abaixo, reportamos os percentuais entre as respostas com correspondência léxica/categorial (varredura assistida por dicionário ADL + ajuste manual em amostra), resultando em P4: $n=2.308$, P5: $n=1.427$, P6: $n=1.270$. Essa estratégia segue a lógica de distribuições de frequências do ADL para síntese quantitativa de desejos/defesas (MALDAVSKY et al., 2012) e o princípio de unidade de análise por ato de fala com decisão por cena/propósito (MALDAVSKY; SCILLETTA; PÉREZ ZAMBÓN; ARGIBAY, 2011).

A presença de respostas muito breves (“nunca”, “nada a mudar”) inflaciona atos de negação; mantivemos tais ocorrências por informarem o repertório defensivo (STEIN-

SPARVIERI; MALDAVSKY, 2017).

3.2 “Vale a pena seguir”: motivos de permanência (P4)

- Distribuição de desejos (n=2.308): LI 37,4%, O1 34,7%, O2 18,3%, FU 4,9%, FG 2,7%, A2 1,2%, A1 0,7%.
- Formas defensivas predominantes (P4): justificativa 33,9%, negação 33,2%, busca de apoio 15,1%.

Discussão:

(1) O1 (aprendizado/verdade) e LI (autoconservação/objetivos práticos) formam o núcleo motivacional: estudantes permanecem quando percebem utilidade e aprendizagem e quando conectam o curso a metas concretas (emprego, renda, futuro). A literatura do ADL descreve O1 como desejo ligado à curiosidade e ao valor de verdade/competência, sensível à proposta didática e à clareza de tarefas (MALDAVSKY et al., 2012). LI aparece quando o discurso organiza-se em torno de recursos, tempo, esforço e sobrevivência, algo recorrente em contextos de formação profissional (MALDAVSKY; SCILLETTA; PÉREZ ZAMBÓN; ARGIBAY, 2011).

(2) O2 (vínculo/acolhimento), embora abaixo de O1/LI, é o terceiro vetor de permanência: menções a pares e docentes como fontes de incentivo/pertencimento. O ADL documenta o papel de desejos vinculares e a circulação de defesas exitosas quando a cena inclui reconhecimento e apoio (MALDAVSKY, 2016; MALDAVSKY et al., 2011).

(3) Defesas: a prevalência de justificativa indica racionalização positiva (“faz sentido continuar”), enquanto a negação aparece como neutralização de dúvidas (“nunca pensei em sair”) - padrão compatível com atos de afirmação do compromisso quando o clima de cena é favorável (STEIN-SPARVIERI, 2014; STEIN-SPARVIERI; MALDAVSKY, 2017).

A permanência combina didática com sentido (O1), viabilidade prática (LI) e clima de apoio (O2); intervenções eficazes integram esses eixos, como apontam sínteses instrumentais do ADL (MALDAVSKY, 2016; MALDAVSKY et al., 2012).

3.3 “Pensei em desistir”: tensões de quase evasão (P5)

- Distribuição de desejos (n=1.427): O1 31,0%, LI 29,9%, O2 25,0%, FU 5,2%, A1 3,6%, FG 3,5%, A2 1,8%.
- Formas defensivas predominantes (P5): negação 65,3%, justificativa 13,6%, busca de apoio 8,2%, queixa 6,8%. Indicador adicional: termos de negação explícita (“nunca”, “jamais”, etc.) em P5 surgem em 37,6% das respostas totais; por gênero: Homens 41,8%, Mulheres 31,9%, Prefiro não dizer 31,1%.

Discussão:

(1) O1 reaparece aqui na forma de frustração cognitiva (dificuldade, baixa utilidade percebida) e A2 mais residual (falta de clareza/organização). Esse “avesso do aprender” é consistente com resultados de atos de fala quando cenas de estudo são marcadas por fracasso defensivo (tentativas de compreensão sem êxito) (MALDAVSKY

et al., 2012; MALDAVSKY; SCILLETTA; PÉREZ ZAMBÓN; ARGIBAY, 2011).

(2) LI indexa sobrecarga/tempo/finanças; O2 revela conflitos ou falta de apoio. Em ambos, predominam defesas de queixa/desabafo e justificação para não sair - combinação típica em cenas tensas, nas quais o sujeito oscila entre externalizar e reordenar seu compromisso (MALDAVSKY, 2016; MALDAVSKY et al., 2011).

(3) A alta negação em P5 pode sinalizar tanto resiliência (“não considero desistir”) quanto defesa de não reconhecimento da dificuldade, fenômeno descrito em análises comparativas de estados de defesa (exitoso, fracassado, misto) (STEIN-SPARVIERI; MALDAVSKY, 2017).

(4) Em termos temáticos, sob P5 destacam-se dificuldade de conteúdo (169 ocorrências), trabalho+estudo (161) e falta de tempo (161), seguidos de transporte/distância (49) e questões financeiras (32). Esses marcadores concretizam os eixos O1/A2 (cognitivo/organizacional) e LI (condições de vida), sustentando a leitura de tensões multinível proposta pelo ADL (MALDAVSKY, 2016).

Pontos de inflexão da evasão residem onde O1 falha (dificuldade/baixa relevância) e onde LI/O2 saturam (cansaço/tempo/apoio). Protocolos de tutoria, organização didática e apoios materiais devem mirar essas interseções (MALDAVSKY et al., 2012; STEIN-SPARVIERI, 2014).

3.4 “Pedido de mudança”: soluções priorizadas pelos estudantes (P6)

- Distribuição de desejos (n=1.270): LI 37,3%, O1 30,2%, O2 15,4%, A2 6,5%, FU 5,7%, FG 2,7%, A1 2,1%.
- Formas defensivas predominantes (P6): pedido 43,0%, negação 35,7% (“nada a mudar”), justificativa 15,3%.
- Temas mais frequentes (contagens brutas):
- Mais aulas práticas/“mão na massa” (249) - O1;
- Docência/metodologia (157) - O1;
- Alimentação/lanche (135) - LI;
- Equipamentos/infra (103) - LI/O1;
- Transporte (79) - LI;
- Horário/cronograma (48) - A2/LI;
- Acolhimento/respeito (39) - O2;
- Avaliação/nota (24) - A2/O1;
- Bolsa/ajuda financeira (11) - LI.

Discussão:

(1) Os pedidos concentram-se em O1 (qualidade/uso prático do ensino) e LI/A2 (condições de estudo e organização) - um mapa de intervenção convergente com modelos de análise ADL voltados a atos de fala funcionais(pedido/justificativa) e à síntese percentilar por categoria (MALDAVSKY et al., 2012; STEIN-SPARVIERI; MALDAVSKY, 2017).

(2) O predomínio do ato de fala “pedido” denota defesa assertiva/propositiva - estudantes externalizam soluções e não só queixam; tal “deslocamento” de queixa para pedido é interpretado na literatura como reorganização defensiva com maior potencial de êxito (MALDAVSKY; SCILLETTA; PÉREZ ZAMBÓN; ARGIBAY, 2011).

(3) A quota de negação (“nada a mudar”) (~35,7%) sugere um subgrupo satisfeito

ou resignado; a distinção demanda leitura por cena e, quando possível, triangulação com outros níveis (palavra/retrato) - estratégia recomendada em revisões instrumentais do ADL (MALDAVSKY, 2016).

O “cardápio” de mudanças desejadas favorece medidas imediatas e de alto impacto: reforço de práticas e laboratórios (O1), organização previsível de horários (A2/LI), infra e alimentação (LI) e dispositivos de acolhimento (formação docente para O2).

3.5 Síntese integrativa: desejos, defesas e retenção

Os três blocos analisados formam um ciclo coerente no enquadre do ADL. Quando os estudantes dizem que “vale a pena seguir”, predominam O1 (aprender com utilidade) e LI (viabilidade prática), com O2 (acolhimento/pertencimento) em terceiro plano ($\approx$ O1/LI $\sim$ 35% cada; O2 $\sim$ 18%). Em termos de defesas, o discurso assume justificativas e afirmações (“faz sentido continuar”; “nunca pensei em sair”), sinalizando organização defensiva mais estável (MALDAVSKY et al., 2012; STEIN-SPARVIERI; MALDAVSKY, 2017). Na prática, os alunos permanecem quando enxergam utilidade no que aprendem (O1), conseguem conciliar estudo e vida (LI) e sentem-se apoiados (O2).

A quase evasão é o avesso desse quadro: O1 surge como frustração cognitiva (dificuldade/baixa relevância), LI como sobrecarga de tempo/finanças e O2 como conflitos ou falta de apoio ($\approx$ O1 31%; LI 30%; O2 25%). A negação aparece em alta frequência nesse bloco, o que pode indicar tanto resiliência (“não considero desistir”) quanto não reconhecimento da dificuldade - um ponto clássico do ADL ao diferenciar estados das defesas (MALDAVSKY; SCILLETTA; PÉREZ ZAMBÓN; ARGIBAY, 2011; STEIN-SPARVIERI; MALDAVSKY, 2017). Assim, a evasão não deriva de um único fator, mas da conjunção: O1 frustrado + LI saturado + O2 fragilizado.

Nos pedidos de mudança, o discurso desloca-se para defesa propositiva (ato “pedido” predominante): os estudantes dizem o que precisam mudar para que O1/LI/O2 voltem a operar a favor da permanência. Três frentes concentram as solicitações: O1 (mais prática e melhor didática), LI/A2 (condições materiais e organização/cronograma) e O2 (clima de apoio). Note-se que A2 - discreto em “vale a pena” e “quase desistiu” - ganha relevância aqui, porque clareza e previsibilidade aparecem como meios para reduzir sobrecarga (LI) e reabilitar o aprendizado (O1) (MALDAVSKY et al., 2012). FG (ideal/excelência) permanece residual, coerente com um cotidiano centrado em meios (aprender/condições) mais do que em fins de prestígio, embora ideais modular em cenas específicas (CERIONI, 2012).

Em termos integrativos, o modelo que emerge é:

- Permanência = O1+ (conteúdo útil e compreensível) + O2+ (apoio/pertencimento) + LI+ (condições mínimas), auxiliado por A2 (previsibilidade).
- Quase evasão = O1- (dificuldade/baixa utilidade) + LI- (cansaço/tempo/dinheiro) + O2- (conflitos/isolamento).
- Reversão do risco = queixa $\rightarrow$ pedido (reorganização defensiva) + intervenções em O1/LI/A2/O2.

Essa leitura converge com a literatura que recomenda articular níveis (palavra - ato - relato) e usar distribuições de frequências/percentis para comparar ênfases e

inibições (MALDAVSKY, 2016; MALDAVSKY et al., 2012). Em paralelo, resultados de avaliação linguística multiescalar sustentam que combinar métrica e cena melhora a explicação de desempenho e engajamento - princípio afinado com o ADL (RAMANARAYANAN; MULHOLLAND; QIAN, 2019; DE FINO et al., 2022). Em síntese, o mapa ADL desta amostra indica onde atuar (O1/LI/O2/A2), como ler mudanças (queixa→pedido; estado das defesas) e com que métrica acompanhar (frequências/percentis por categoria), oferecendo um roteiro replicável para gestão de permanência.

3.6 Posicionamento final e agenda de projetos

Os resultados deste estudo convergem para uma ideia simples e potente: os estudantes permanecem quando o que aprendem faz sentido e tem uso no seu cotidiano, quando encontram apoio e pertencimento no ambiente de formação e quando as condições de vida permitem conciliar estudo, trabalho e família. Em contrapartida, a quase evasão aparece quando o aprender deixa de fazer sentido ou se torna excessivamente difícil, quando as exigências materiais e de tempo transbordam e quando faltam apoios no convívio (MALDAVSKY et al., 2012). Lido pelo ADL, esse movimento se expressa no tipo de ato de fala e no estado das defesas: o deslocamento de queixa para pedido marca uma reorganização defensiva mais promissora, em que o aluno passa a formular soluções e negociar a cena (MALDAVSKY; SCILLETTA; PÉREZ ZAMBÓN; ARGIBAY, 2011; STEIN-SPARVIERI; MALDAVSKY, 2017).

Para a gestão acadêmica, isso significa que um bom painel de prioridades combina leitura por cena (atos de fala) com distribuições de frequências e percentis por categorias - isto é, manter o detalhe qualitativo sem perder a visão de conjunto (MALDAVSKY et al., 2012). Na prática, um ciclo de intervenção pode começar com ajustes didáticos orientados ao uso (mais prática, exemplos aplicados), seguir com organização previsível (cronogramas claros e cargas compatíveis) e incluir apoios materiais focalizados (alimentação, transporte, bolsas onde o discurso indica maior tensão). Em paralelo, vale cultivar uma cultura de acolhimento (formação docente para escuta e manejo de conflitos) e instituir tutoria nos pontos de inflexão - justamente quando emergem dificuldade cognitiva e sobrecarga. O monitoramento pode ser trimestral, reaplicando o protocolo ADL com dupla codificação e Kappa, usando o dicionário como triagem de larga escala e sempre confirmando por leitura de cena (PLUT, 2010; MALDAVSKY; SCILLETTA; PÉREZ ZAMBÓN; ARGIBAY, 2011; MALDAVSKY et al., 2012).

Como agenda de continuidade, três caminhos se impõem. Primeiro, replicações por curso e turno, para testar a robustez dos padrões e refinar o foco das ações (MALDAVSKY et al., 2012). Segundo acompanhamentos longitudinais (pré-pós) para observar deslocamentos de desejos/defesas e mudanças de estado ao longo do tempo (STEIN-SPARVIERI; MALDAVSKY, 2017; MALDAVSKY, 2016). Terceiro, triangulações entre níveis (palavra-ato-relato) e adaptação/validação de instrumentos psicométricos de desejos/defesas no português brasileiro, com estudos de validade convergente/constructo (OTÁLORA; ARGIBAY; DE SIMONE; MALDAVSKY, 2013; MALDAVSKY, 2009). Em paralelo, vale aprofundar o papel dos ideais de excelência em contextos escolares - dimensão menos frequente no nosso corpus, mas relevante em trajetórias de projeto de vida (CERIONI, 2012).

Este fechamento enfatiza a resposta empírica da pesquisa ao diálogo com a

Revista Gepesvida

bibliografia do ADL: olhar o discurso por cenas, quantificar sem reduzir, e transformar queixas em pedidos que orientem intervenções concretas e avaliáveis.

Dessa forma, o ADL se mostrou com especial pertinência para a avaliação educacional porque transforma falas abertas em indicadores interpretáveis de motivação e risco, sem romper o vínculo com o sentido da cena. Ao articular atos de fala (unidade de análise e decisão de dominância) com distribuições de frequências por categorias de Desejos/Defesas, o método permite construir painéis comparáveis entre turmas, cursos e momentos do processo (baseline, intervenções, follow-up), preservando a leitura clínica do contexto (MALDAVSKY; SCILLETTA; PÉREZ ZAMBÓN; ARGIBAY, 2011; MALDAVSKY et al., 2012). A síntese/atualização de instrumentos demonstra como combinar níveis (palavra - ato - relato) e acompanhar estados das defesas (exitoso/fracassado/misto), algo central para diferenciar queixa crônica de pedido propositivo - um marcador útil para gestão de permanência (MALDAVSKY, 2016; STEIN-SPARVIERI; MALDAVSKY, 2017). Além disso, o dicionário ADL oferece escala para triagem lexical e monitoramento contínuo, enquanto iniciativas de instrumentação psicométrica ampliam a reprodutibilidade e a triangulação com métricas quantitativas (PLUT, 2010; OTÁLORA; ARGIBAY; DE SIMONE; MALDAVSKY, 2013). Em contexto lusófono, aplicações e sínteses reforçam a adaptação terminológica e o potencial do método para ciclos avaliativos formativos, aproximando o que os estudantes dizem das alavancas institucionais que podem responder a O1/O2/LI e reorganizar o risco de evasão (VASCONCELOS, 2021).

REFERÊNCIAS

CERIONI, Ada. Investigación acerca de los ideales en el vínculo de pareja empleando el método Algoritmo David Liberman (ADL) en el cuento “La prometida del tigre”.

Subjetividad y Procesos Cognitivos, Buenos Aires, v. 16, n. 1, 2012. Disponível em:

[https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1852-](https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1852-73102012000100002)

73102012000100002. Acesso em: 23 jul. 2025.

DE FINO, Verdiana; FONTAN, Lionel; PINQUIER, Julien; FERRANÉ, Isabelle; DETEY, Sylvain. Prediction of L2 speech proficiency based on multi-level linguistic features. In: *INTERSPEECH 2022 – Conference of the International Speech*

Communication Association, 2022, Incheon. Proceedings... 2022. DOI:

<https://doi.org/10.21437/Interspeech.2022-10369>. Acesso em: 05 set. 2025.

GERMANO, Zulema. Algoritmo David Liberman (ADL) como método de investigación psicosocial. *Revista Virtual*(s.d.). Disponível em:

<https://core.ac.uk/download/pdf/267879811.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MALDAVSKY, David. Testeos de validez convergente, de validez de constructo y de confiabilidad del ADL. *Summa Psicológica UST*, Santiago, v. 6, n. 1, 2009. DOI:

<https://doi.org/10.18774/448x.2009.6.244>. Acesso em: 3 mar. 2025.

MALDAVSKY, David. Síntesis y actualización de los instrumentos del Algoritmo David Liberman (ADL). *Summa Psicológica UST*, Santiago, v. 13, n. 2, p. 69–80, 2016. DOI:

<https://doi.org/10.18774/448x.2016.13.296>. Disponível em:

Revista Gepesvida

<https://summapsicologica.cl/index.php/summa/article/view/296>. Acesso em: 12 set. 2025.

MALDAVSKY, David; ARGIBAY, Juan C.; DE SIMONE, Luján; PEREZ ZAMBÓN, Silvina; OTÁLORA, Julieta; GÓMEZ DOLZER, Josefina. Aplicaciones de las distribuciones de frecuencias de los deseos en los actos del habla de pacientes y terapeutas en la investigación clínica con el Algoritmo David Liberman. *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, Buenos Aires, v. 16, n. 2, p. 28–43, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3396/339630260002.pdf>. Acesso em: 17 maio. 2025.

MALDAVSKY, David; ARGIBAY, Juan C.; DE SIMONE, Luján; PEREZ ZAMBÓN, Silvina; PLUT, Sebastián; OTÁLORA, Julieta. Sobre los referentes valorativos, su relación con el hablante y la construcción de la propia posición como conductor en los discursos presidenciales: un estudio cuanti-cualitativo con el Algoritmo David Liberman (ADL). *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, Buenos Aires, v. 16, n. 1, p. 107–134, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3396/339630259005.pdf>. Acesso em: 5 set. 2025. [Redalyc.org](https://www.redalyc.org)

MALDAVSKY, David; CANTIS, Jorge; DE DURÁN, Rita; GARCÍA GRIGERA, Horacio. Tres casos de afasia: investigación de las erogeneidades, las defensas y su estado con el Algoritmo David Liberman (ADL). *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, Buenos Aires, n. 10, p. 79–138, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=339630249005>. Acesso em: 1 set. 2025.

MALDAVSKY, David; SCILLETTA, Delia; PEREZ ZAMBÓN, Silvina; ARGIBAY, Juan Carlos. Sobre la unidad de análisis para el estudio de los deseos en los actos del habla con el Algoritmo David Liberman (ADL). *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, Buenos Aires, v. 15, n. 2, p. 53–82, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3396/339630258003.pdf>. Acesso em: 12 set. 2025.

MALDAVSKY, David; SNEIDERMAN, Susana B.; GOLDBERG, Jorge A.; SCILLETTA, Delia; ARGIBAY, Juan C.; TATE DE STANLEY, Cristina; WIDDER, F.; ROMANO, E.; REMBADO, J. M.; et al. Investigación de los aportes positivos y negativos de paciente y terapeuta a la alianza terapéutica. *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, Buenos Aires, v. 15, n. 1, 2011. Disponível em: <https://dspace.uces.edu.ar/jspui/handle/123456789/2528>. Acesso em: 24 jul. 2025.

OTÁLORA, Julieta; FONTAN, Lionel; PINQUIER, Julien; REMBADO, José M.; MALDAVSKY, David. Diseño de un instrumento psicométrico para el estudio de deseos y defensas: el Algoritmo David Liberman. *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, Buenos Aires, v. 17, n. 1, 2013. Disponível em: <https://publicacionescientificas.uces.edu.ar/index.php/subypocog>. Acesso em: 15 mar. 2025.

PLUT, Sebastián. Aplicación del diccionario ADL en la investigación psicosocial, clínica, educacional, de organizaciones y de la realidad sociocultural. *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, Buenos Aires, v. 14, n. 2, p. 175–198, 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5126988>. Acesso em: 11 set. 2025.

Revista Gepesvida

RAMANARAYANAN, Vikram; SU, Yao; ZAYAT, Daniel; GUPTA, Raghuveer; LITMAN, Diane; LAU, Joseph H. Scoring interactional aspects of human-machine dialog for language learning and assessment using text features. In: *Proceedings of the 20th Annual SIGdial Meeting on Discourse and Dialogue (SIGDIAL 2019)*, 2019, Stockholm. p. 1–? (pagination no original). DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/W19-5913>. Disponível em: <https://aclanthology.org/W19-5913>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SÁNCHEZ ANTILLÓN, Antonio. Análisis argumentativo de dos sujetos miembros de una asamblea de ambientalistas bajo el método del Algoritmo David Liberman (ADL) en su modalidad de actos del habla. *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, Buenos Aires, v. 17, n. 2, p. 105–132, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5126748.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2025.

STEIN-SPARVIERI, Elena. Análisis de actos de habla de artículos de periodismo de investigación: con un instrumento clasificatorio de actos de habla del Algoritmo David Liberman (ADL). *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, Buenos Aires, v. 18, n. 2, p. 198–218, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5115143.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2025.

STEIN-SPARVIERI, Elena; MALDAVSKY, David. Instrumentos para el análisis pragmático del discurso periodístico sobre corrupción con el Algoritmo David Liberman (ADL). *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, Buenos Aires, v. 21, n. 1, p. 169–193, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3396/339652446009/339652446009.pdf>. Acesso em: 12 set. 2025.

VASCONCELOS, Luiz Carlos Mendes de. *Sentidos de aprendizagem: um estudo com o método ADL em contexto escolar*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade Pitágoras, Fortaleza, 2021. (Documento consultado em arquivo do autor; sem URL público informado).